

Literatura como enredo: desfile da Portela para o carnaval de 2024¹

Celina Lucas²
São Paulo, SP

RESUMO

Procuramos analisar a transformação de uma peça literária em desfile carnavalesco. Para tanto, usamos como objeto de estudo o produto audiovisual nascido a partir da apresentação da escola de samba Portela para o carnaval de 2024. Para o enredo “Um defeito de cor”, a entidade inspirou-se no livro homônimo de Ana Maria Gonçalves. Respaldados por um aporte teórico que visita os conceitos de *arte* e *beleza* das obras de Hegel e Nietzsche e de *carnavalização* de Bakhtin, avaliaremos como o tema foi desenvolvido, bem como a repercussão midiática que elevou a obra literária ao patamar das mais vendidas em fevereiro desse ano.

PALAVRAS-CHAVE: arte; beleza; literatura; escola de samba; mídia.

1. Introdução

Nos últimos dez anos, as escolas de samba vêm reiterando seu valioso papel de celeiro para preservação da herança ancestral negra no Brasil. Os motivos ultrapassam a sua origem no chão batido dos terreiros de umbanda e candomblé, na legítima força das baianas do samba ou nos cânticos varridos pelo vento das labutas nas plantações de café e cana de açúcar pelos confins do país.

Verifica-se imprescindível a potência que as agremiações adquiriram enquanto espaços para suscitar uma série de discussões sobre a representatividade negra e parte da história nacional que acabou sucumbida pela versão oficial branca. “Tirando as poeiras dos porões³”, assistimos à inédita oportunidade de ver, sob as luzes dos holofotes midiáticos, um outro lado da história nacional constituído pelos indivíduos que suportam as bases de nossa sociedade, como os negros, os índios e a classe trabalhadora.

São novas narrativas contadas a partir dessa perspectiva. Assim como fez a escola de samba de Madureira para o Carnaval 2024, resgatando personagens fundamentais da odisséia negra no Brasil e trazendo à tona fatos, por muitos desconhecidos, mas que fazem parte do processo de composição do rico cabedal cultural nacional.

¹ Trabalho apresentado no GP Estudos de Televisão e Televisualidades, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutora em Comunicação Social pela universidade Anhembi Morumbi, e-mail: celinalucas@gmail.com.

³ Trecho do samba da escola Mangueira para o carnaval de 2019.

Por esse caminho, momentos históricos como os levantes da Revolta dos Malês (1835) e a Sabinada (1837), personagens esquecidos como Luisa Mahin e Luiz Gama, surgem à luz dos cortejos carnavalescos, inundando diferentes espaços midiáticos e nos ajudando a compreender melhor de que material humano foi composto o povo brasileiro. Dessa forma, carnaval deixa de ser apenas folia e entretenimento, mas oportunidade para refletirmos sobre os processos que nos levaram a adquirir o nosso caráter enquanto nação.

2. Enredo e estética carnavalesca

Para que possamos compreender o complexo mecanismo que se empreende para a elaboração de um desfile de carnaval, cuja apresentação pública é somente uma de suas etapas, podemos dividir o processo da seguinte forma: a definição de um enredo, a confecção do cortejo, a apresentação para julgamento/estabelecimento do *rank* anual e os registros gerados através da exposição midiática.

Selecionar um enredo é fazer uma opção de narrativa, definida por Gancho (2009, p.6) como “uma história contada a partir da presença dos elementos: tema, personagens, tempo, espaço e narrador”.

Ainda sobre narrativa, Reuter (2007, p.14) explica que, para compreendê-la, é fundamental considerar a sua organização e não a sua relação com o exterior. Dessa forma, considera-se por que razão ela está organizada de uma certa maneira e o impacto que tal escolha produz.

Pode-se contar uma história (enredo) de maneira linear (sequência cronológica dos fatos como a apresentação, o conflito, o clímax e o desfecho) e não linear (cuja organização não é lógica e, sim, artística). Para a narrativa carnavalesca, o desenvolvimento de maneira detalhada do enredo é feito através do roteiro. Esse, por sua vez, possibilitará a criação das diferentes sinopses - sínteses do roteiro - que serão encaminhadas para distintos setores que integram o processo, como a sinopse da ala dos compositores (para a composição do samba enredo).

No universo das escolas de samba, enredo é um conceito multifacetado: é o tema da história que será contada pela entidade carnavalesca em um dado ano e também um dos critérios avaliados na apuração. Seu julgamento não leva em consideração somente a relevância do assunto escolhido enquanto peça original ou pertinência cultural, mas ainda a eficácia de sua materialização através dos elementos de enredo. Essa concretização de

forma fidedigna daquilo que foi previamente concebido através da descrição/sinopse do enredo e das informações contidas nas pastas dos jurados também são elementos avaliados no momento do desfile⁴.

O enredo muitas vezes é pesquisado por uma equipe ou pessoa especialista que integra o departamento cultural da escola, ou pelos próprios carnavalescos - responsáveis ainda por sua execução. Esse profissional “riscará” a história através dos croquis de fantasias, adereços, alegorias e pensará em uma organização, como em um grande quebra-cabeças. Assim nascerá a narrativa carnavalesca: 1. Tema, 2. Enredo (construção de uma narrativa), 3. Risco do Enredo (desenhos das fantasias, alegorias e adereços), 4. Execução (momento em que um grande contingente de profissionais de diferentes áreas começa a confeccionar as peças de acordo com os croquis riscados pelo carnavalesco e 5. Apresentação (a realização do cortejo durante as celebrações do carnaval).

Acredita-se que a apresentação do desfile carnavalesco de forma temática remonte dos cortejos realizados nos primeiros anos da década de 1930⁵. Já em 1936, determinou-se que os enredos deveriam ser, somente, ligados a fatos e personagens da história nacional, obrigatoriedade extinta no final da década de 1980.

Hoje uma grande diversidade de tipos de enredos passou a ser adotada pelas agremiações carnavalescas. Entre os mais conhecidos, podemos destacar o enredo de homenagem (grandes personalidades artísticas são reverenciadas); enredo de autorreverência⁶ (as agremiações contam suas próprias histórias); enredos históricos (relatam momentos relevantes da história mundial); enredos ficcionais, abstratos ou inventivos (relatos não necessariamente verídicos que são imaginados e estruturados pelos autores/ carnavalescos e muitas vezes, são não lineares); enredo afro (muito tradicionais nas escolas de samba, contam fatos especificamente ligados à ancestralidade negra); enredo fábulas e lendas (relatam elementos típicos da cultura nacional e os distintos povos que a constituem); enredo literário (inspirados em obras literárias) e

⁴ Documento extenso composto por fotos, justificativa do samba, descrição minuciosa dos enredos e forma como ele será apresentado no desfile. É entregue aos jurados pelas escolas de samba em dia previamente definido pela Liga da Escola de Samba e que antecede a realização oficial dos cortejos.

⁵ Em 1931, a escola carioca “Vai como pode” usou um enredo para apresentar o seu desfile intitulado “Sua majestade, o Samba”

⁶ Em 1990, a escola Mocidade Independente de Padre Miguel foi sagrada campeã com o enredo “Vira, virou, a Mocidade chegou” e que contava a trajetória da agremiação.

enredo crítico (ligados a política ou fatos de relevância social)⁷.

É tarefa do carnavalesco⁸, profissional de apuro artístico e grande prestígio dentro das escolas de samba, transformar o enredo em desfile. Grandes nomes nesse segmento ajudaram a transformar a apresentação das escolas de samba - de tímidos cortejos em uma exuberante expressão da cultura brasileira. Fernando Pamplona (1926-2013), Joãozinho Trinta (1933-2011), Max Lopes (1949-2023), Rosa Magalhães (1947-2024) e Renato Lage (1949- atual) são alguns dos mais conhecidos e premiados.

O engenho de criar um desfile carnavalesco a partir da definição de um enredo, pode ser comparado àquilo que (BAKHTIN, 1981) chamou de carnavalização - “a transposição do carnaval para as artes, como a literatura, construindo um mundo outro, utópico de liberdade e igualdade”. Lugar de inversão e sobreposição dos marginalizados ao centro simbólico, onde a reverência e a liberdade superam a etiqueta e a discriminação.

Por esse caminho, substitui-se a palavra e o arsenal gramatical por ferramentas próprias do cortejo, as quais chamamos de elementos de enredo⁹: alegorias, fantasias, adereços e samba de enredo, além de expressões corporais e danças. O Samba de enredo é um dos principais elementos nesse quesito. Composição constituída por letra e melodia e de potente saimento rítmico, é temático e criado a partir da apresentação da sinopse - resumo do enredo. Sua escolha geralmente acontece através de um concurso que, muitas vezes, é constituído por eliminatórias, semifinais e final.

Os Sambas de enredo¹⁰ surgiram em 1935, quando ocorreu a oficialização dos desfiles das escolas cariocas. Podem ser comparados com a trilha sonora de um filme, mas constituída por uma única composição. Ao contrário do que acontecia nos remotos cortejos que ocorreram entre as décadas de 30 a 80, sua função não é mais contar o enredo de maneira integral e, sim, passar pelas principais informações que envolvem o tema. É também o alicerce para o time de canto, a bateria da escola e fundamental para os quesitos harmonias (canto da escola) e evolução (andamento e dança dos componentes distribuídas nas diferentes alas e alegorias).

⁷ Em 2018, as duas primeiras agremiações classificadas no Rio de Janeiro, Acadêmico do Tuiti e Beija-flor de Nilópolis apresentaram desfiles com enredo crítico; “Meu Deus! Meu Deus! Está extinta a escravidão?” e “Monstro é aquele que não sabe amar: os filhos abandonados da pátria que os pariu” respectivamente.

⁸ O termo teria surgido com Antônio Caetano, da Portela, segundo Candeia e Isnard (1978, p.25).

⁹ Temos também os elementos de fundamento ou fundamentais e que são aqueles fixos, como o samba (ritmo oficial), o pavilhão da escola e o casal de mestre-sala e porta-bandeira.

¹⁰ Até então, as entidades, na maioria das vezes, se apresentavam com pontos de macumba no Rio e uma mistura de Samba com marcha em São Paulo.

A forma como o carnavalesco utilizará as ferramentas da narrativa de carnaval advém do seu estilo. Para compreendermos melhor os diferentes caminhos estéticos podemos recorrer ao conceito *beleza* de (HEGEL, 2001) e que indica duas modalidades: *a natural e a artística*. A *beleza artística* é resultado da construção estética, área de estudos da filosofia que, conforme o autor, possui como objetivo “o amplo reino do belo de modo mais preciso; seu âmbito é a arte, na verdade, a bela arte”, apesar de a *estética*, em seu significado, designar a ciência do sentido, da sensação. Ainda segundo o autor, o belo *artístico* é superior ao *natural*, uma vez que provém de uma ação consciente e, por isso, dotada de liberdade e nascido do espírito criador, enquanto a *beleza natural* não é consciente, não é livre em si mesma, é elemento do indeterminado e desprovido de critério.

Focaremos, então, na beleza das artes na concepção hegeliana para analisar os critérios adotados pelos artistas do carnaval para construir a beleza em seus desfiles, recorrendo também aos conceitos - *dionisíaco* e a *apolíneo*.

O termo *dionisíaco* vem de Dionísio (Baco entre os latinos), filho de Zeus (pai dos deuses) e Sêmele (amada por Zeus, filha de Cadmo e de Harmonia), deus do vinho, da loucura, dos viajantes, do tumulto, do caos. *Apolíneo* vem de Apolo, outro filho de Zeus e Leto (Letona, deusa do amanhecer) e irmão de Artêmis (Diana para os romanos, deusa da caça e da lua). Apolo é o Deus de corpo atlético, comportamento calmo e sério, arqueiro de grande habilidade. É o deus da luz solar, do equilíbrio, da inteligência e da razão.

Os conceitos *dionisíaco* e *apolíneo* formam, assim, as apreciações dicotômicas e, de acordo com Friedrich Nietzsche, complementares. Aparecem em sua obra “A origem da tragédia a partir do espírito da música” de 1872, quando afirmou que vida e cultura gregas se movem em dois polos, duas formas artísticas ou dois modos vitais. A evolução da arte estaria, então, ligada à discórdia criadora, à duplicidade desses dois conceitos: dos conflitos e da reconciliação deles. Os dois conceitos seriam, então, complementares, um não pôde existir sem o outro. A capacidade criativa e a beleza artística estariam ligadas à aptidão de articular essas duas forças: a beleza harmônica e comedida, isto é, *apolínea* e a beleza do caos e da paixão *dionisíaca*¹¹.

¹¹ Joãozinho Trinca está no grupo que integra a estética dionisíaca.

Embora, para Nietzsche, não exista arte pura ou unicamente *apolínea* ou *dionisíaca*, consideraremos os dois conceitos para classificar o trabalho dos carnavalescos. Assim, temos o grupo de *apolíneos*¹², carnavalescos cujo trabalho pressupõem uma beleza pousada mais na racionalidade, na verossimilhança, nos detalhes e cuidados com a indumentária enquanto traje carnavalesco. Já os *dionisíacos* edificam a *beleza* pautada no caos, no inverossímil e no sonho.

3. O movimento sem manifesto das escolas de samba

Embora não tenham um manifesto que o legitime, é impossível negar o movimento realizado pelas escolas de samba do Rio de Janeiro e de São Paulo com o objetivo de resgatar fatos e personagens esquecidos pela história oficial. Como propunha a já citada Mangueira de 2019, mostrando “um país que não está no retrato”, as entidades carnavalescas encabeçam debates que tomam repercussão nacional. Temas como a intolerância religiosa, Marco Regulatório de Terras Indígenas, transbordam dos cortejos carnavalescos para outros espaços de produção de conteúdo como as redes e *mídias* sociais.

Ao considerarmos as escolas de samba espaços de recreação e preservação cultural articulados pelos descendentes de escravos e, no caso do Rio de Janeiro, oriundas também de festejos religiosos, cordões, centros de umbanda e candomblé, o que essas entidades estão realizando é um resgate necessário dessa ancestralidade.

A presença do negro baiano na cidade do Rio de Janeiro é um elemento fundamental para compreender os processos de formação das entidades carnavalescas. Salvador¹³, na Bahia do Brasil colonial e escravagista, era um grande porto negreiro. Com a expansão da cultura do café na região Sudeste já no século XIX, muitos negros saíram do Nordeste e vieram trabalhar nas plantações do Vale do Paraíba e interior de São Paulo. Com a derrocada do café, na segunda metade do mesmo século, vários baianos vieram para o Rio de Janeiro: capital do império. E em 1888, com a abolição da escravatura, aumentou o número de libertos baianos vindos para a cidade carioca, concentrando-se

¹² A carioca Rosa Magalhães é um exemplo importante nesse grupo.

¹³ Salvador, fundada em 1549, era também responsável por abastecer outras regiões do país com a mão de obra escrava como as Minas Gerais.

principalmente, no bairro da Saúde, perto do cais do porto onde as condições de moradia eram mais baratas:

A Abolição engrossa o fluxo de baianos para o Rio de Janeiro, liberando os que se mantinham em Salvador em virtude de laços com escravos, fundando-se praticamente uma pequena diáspora baiana na capital do país, gente que terminaria por se identificar com a nova cidade onde nascem seus descendentes, e que, naqueles tempos de transição, desempenharia notável papel na reorganização do Rio de Janeiro popular, subalterno, em volta do cais e nas velhas casas no Centro (MOURA, 1995, p. 20).

Muitos desses baianos chegavam munidos de vários preceitos culturais cuja situação de cativo não conseguira apagar, como os seguidores do candomblé. Os primeiros agrupamentos carnavalescos contavam, além disso, com o axé das senhoras baianas como Tia Ciata, Hilária Batista de Oliveira, mãe de santo e pequena comerciante de doces como relata Farias (2010, p.207): “Essa associação entre música e culto religioso foi um dos fatores que contribuiu para instituição de grupos diversos que levaram o ritmo africano para as ruas da cidade, como os cordões, ranchos, blocos e, no final desse processo, as escolas de samba”.

Segundo Farias (2010, p.27) “a umbanda surgiu no final do século XIX, utilizando como cenário os cultos miscigenados, pelos negros, índios e brancos, conhecidos como macumbas, catimbós, torés, xambás, babassuês, xangôs e outros”. Enquanto o candomblé etimologicamente, quimbundo candombe (dança) e o termo iorubá ilê (casa): uma entre as muitas religiões de matriz africana que tem como base a natureza e onde se cultuam orixás, vodu ou vudu.

O resgate da ascentralidade negra no Brasil pode ser observada nas últimas apresentações da escola de samba Paraíso do Tuiti, por exemplo. Criada em 1952, vem dedicando seus carnavais mais recentes à temática de varredura dos porões da história oficial. Em 2019, a entidade ganhou o Estandarte de Ouro com o enredo “Salvador da Pátria”, resgatando a história de um bode, Ioiô, bastante conhecido em Fortaleza e que teria sido eleito como vereador no ano 1922, como símbolo de insatisfação política da população daquele local. Em 2022, a escola levou para a avenida o enredo “Ka riba tí ye-que nosso caminhos se abram”, do carnavalesco Paulo Barros, resgatando grandes figuras negras e o futuro da negritude, de Dandara (1654-1694) a Mandela (1918- 2013). Cenários que compõem a odisséia negra no Brasil como a Pedra do Sal (no desfile de 2022), região tombada em 27 de abril de 1984, ganharam notoriedade nacional. A região,

conhecida como Pequena África, fica entre os bairros da Saúde e Gamboa, na área Portuária do Rio e onde vivem comunidades remanescentes dos Quilombos. No Brasil colonial, a localidade recebia escravos chegados do Cais do Valongo e é considerado um local de preservação da cultura negra. Antônio Candido, o Almirante Negro (1880-1969), foi enredo da escola para o carnaval de 2024. Trata-se de um marinheiro que liderou a chamada Revolta das Chibatas, um motim ocorrido em novembro de 1910. Na ocasião, os marinheiros negros protestaram contra os maus tratos sofridos pelos oficiais de sua etnia.

Já a campeã carioca de 2024, Unidos de Viradouro, tornou conhecido o culto à cobra sagrada dos africanos de Benin do século XVIII. Com o enredo “Arroboboi, Dangbê” a escola mostrou a força das mulheres negras e a energia do culto ao voduns serpente, originária de batalhas na África, lado ocidental e que era cultuada pelas mulheres Mino, no Reino de Daomé.

Em São Paulo, a Acadêmicos do Tucuruvi falou sobre Ifá de acordo com os princípios Yorubá, enquanto a Dragões da Real conquistou o vice-campeonato com o enredo “África, uma constelação de reis e rainhas”, o que revela, ainda, a atenção das chamadas agremiações esportivas para enredos afros, mais frequentes nas entidades de samba consideradas tradicionais como Mocidade Alegre e Unidos do Peruche.

4. O enredo Literário/ Afro da Escola Portela, 2024

Quadro 1- Análise desfile da Portela 2024.

QUADRO ANALÍTICO- PORTELA 2024	
Escola de Samba	Portela (fundação - 1923)
Carnavalescos	Antônio Gonzaga e André Rodrigues
Enredo	Um defeito de cor Modalidade Mista: afro e literário
Estética carnavalesca	Dionísíaca
Narrativa	Linear Tema: carta de Luiz Gama à mãe Luisa Mahin Personagens (principais): povo negro, Kehindé e Luiz Gama Tempo: Brasil Colonial e escravista, século XIX Espaço: Benin (África) e Bahia (Ilha de Itaparica e Salvador) Narrador: Luiz Gama ao escrever para sua mãe como resposta ao “Um defeito de cor”.

Fonte: estudos realizados pela própria autora entre os meses de fevereiro e março de 2024 para esse artigo.

Em seus muito escritos, Luiz Gama, provavelmente em 1859, afirmou: “Em nós, até a cor é um defeito. Um imperdoável mal de nascença, o estigma de um crime”. Tal espólio batizou o segundo livro escrito pela mineira de Ibiá, Ana Maria Gonçalves. Lançado em 2006, pela editora Record, trata-se de um título bastante denso, que mistura ficção e história em 1000 páginas.

Considerado um dos mais importantes romances publicados em língua portuguesa, conta a saga de Kehinde, também conhecida como Luisa (nome dado pelos portugueses). Sequestrada aos oito anos na África, mais precisamente no Reino do Daomé, foi trazida para cumprir trabalho escravo na Bahia (Ilha de Itaparica). Ali, entre outros eventos que relatam com muita poesia e bagagem histórica parte da diáspora negra no país, Kehinde se envolve com diversas revoltas de escravizados. O período remonta as primeiras décadas do século XIX, e levantes como Revolta dos Malês (de imalê, mulçumanos em iorubá) e a Sabinada (do nome de um dos seus líderes, o médico Francisco Sabino). A primeira eclodiu em Salvador de 1835, e é considerada o maior levante de escravizados da história do país enquanto a segunda, ocorreu em 1937, com a pretensão de fundar uma República na Bahia e separá-la de Portugal.

Após sofrer com constantes perseguições e, já na fase adulta, Kehinde conseguiu regressar ao seu país de origem. Mais tarde, idosa e cega, volta ao Brasil para procurar o filho, momento em que inicia uma viagem cercada de memórias dolorosas que possibilitam um mergulho robusto na história negra e na edificação da sociedade brasileira. É uma personagem inspirada em Luisa Mahin, mãe do advogado abolicionista, Luiz Gama e um dos nomes mais relevantes da citada Revolta dos Malês. Acredita-se que Luisa tenha nascido em 1812, em Benin. Quituteira de grande valor, é considerada um dos maiores símbolos de luta contra a condição dos escravizados. Teria usado seu instrumento de trabalho, o tabuleiro, para disseminar mensagens revolucionárias fazendo parte da articulação dos mais importantes levantes ocorridos na Bahia do século XIX. Ela teria fugido para o Rio de Janeiro e, mais tarde, deportada para Angola. Aqui permaneceu o seu filho, Luiz Gama, vendido como escravo pelo próprio pai, do qual nunca mais teve notícias.

A verdadeira história de Luisa Mahin é constantemente posta à prova, dada a condição dos negros no país, mas já aparecia em obras como a “Insurreição das senzalas”, 1930, de Pedro Calmon, “Luisa Mahin: entre ficção e história”, 2010 e “Desvendando Luisa Mahin: um mito libertário no cerne do Feminismo Negro”, 2011, sendo os dois

últimos estudos que se propunham analisar a trajetória de Mahin através dos romances e escassos documentos encontrados sobre a personagem. Luisa teria sido retratada ainda em carta (citada acima) e escrita pelo próprio filho ao jornalista Lúcio Mendonça sob o título “Lances doridos em 25 de julho de 1880”.

O relato de Luiz foi o ponto de partida para a construção do enredo apresentado pela Portela em 2024. Segundo os carnavalescos Antônio Gonzaga e André Rodrigues, Gama escreveu uma carta a mãe contando sobre sua vida e a reconhecendo como personagem fundamental para as transformações ocorridas na vida da população negra no Brasil.

No enredo linear e de características *dionisíacas*, o advogado conta, entre outras coisas, que “o seu filho venceu”, como no verso do samba de enredo composto por Wanderley Monteiro, Rafael Gigante, Bira, Vinícius Ferreira, Hélio Porto, Jefferson Oliveira e André do Posto 7. A descrição faz referência à condição final de Luiz Gama ao subjugar as diversidades e se tornar advogado e jornalista de grande expressão nacional.

O desfile faz uma homenagem as mulheres negras que passam a vida lutando para criar e proteger os seus filhos. Muitos dos quais, acabam perdidos para miséria, para violência, esquecidos pelo descaso de pais formados por uma cultura machista que designa à mulher a obrigação exclusiva de sustentá-los.

Dados do Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) para o Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP) em 2022, indicam que, nos últimos 5 anos, 35 mil crianças e adolescentes foram mortos de forma violenta. Já o Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP) em 2024, indica que o número diário de desaparecidos chega a 183, em sua maioria homens (62,8%) e negros (54,3%). Crianças e adolescentes com idade compreendida entre 12 e 17 anos representam 30%.

O quadro mostra o quanto o enredo é também atual ao falar da condição da mulher que atravessa os tempos ainda a procura de seus rebentos em cenários adversos. Fala, ainda, das mães que foram apartadas de seus filhos vendidos pelos senhores. Lembra que são incontáveis os casos que o comércio tinha como objetivo esconder a procedência mestiça das quais os próprios senhores eram responsáveis, como aconteceu com Luiz Gonzaga Pinto da Gama, Luiz Gama (1830-1882), advogado, jornalista e um importante líder abolicionista. Foi vendido aos 10 anos e só conseguiu se alfabetizar aos 17. Ele atuou em sua própria defesa conseguindo assim a liberdade e passou a operar na libertação de

outros escravizados. Filiado ao Partido Liberal, militou fortemente pela Proclamação da República até o dia de sua morte precoce, aos 52 anos. Sua existência é a prova de que a população negra também tem os seus heróis na luta pela abolição dos escravos.

Por muito tempo, a ideia de mãe negra (preta) foi usada de maneira preconceituosa, resquícios da imagem de mulheres que, sob a força da chibata, deixavam de amamentar os seus filhos para servir de ama de leite dos rebentos de seus senhores. A figura da mulher, gorda, sem vaidade, cuja existência tinha como foco nutrir e cuidar, foi eternizada por muitas produções do audiovisual, como a Januária de Escrava Isaura (1976) e a Tia Anastácia do Sítio do Picapau Amarelo (1977). O enredo fala das mães negras dos seus próprios filhos. Aquelas que lutam para evitar que seus rebentos se afoguem na vala profunda da miséria e do racismo estrutural. Mulheres que formam a larga base da representatividade social, abaixo dos homens brancos, das mulheres brancas e dos homens negros. O desfile da Portela nos faz refletir sobre a forma como a mulher, principalmente a negra, ainda é vista- como a propriedade comercializada do século XIX como no anúncio abaixo:

Imagem 1: Anúncio- venda de escrava em 1879.



Fonte: Propaganda Históricas, publicado por Dalmir Júnior em anúncios antigos.

5. O desfile

A escola de samba Portela foi fundada em 1923, no Bairro de Oswaldo Cruz, em Madureira, oriunda de um bloco de carnaval, sob as cores azul e branca e tendo como símbolo a águia. Por 22 vezes, sagrou-se campeã do carnaval e, nos últimos 10 anos, a temática negra esteve presente em pelo menos cinco de suas apresentações. Além de 24, em 2023 com o enredo “O azul que vem do infinito” (enredo de autorreferência/ afro),

em 2022 com “Igi Osé Baobá” (enredo afro que contava a história da árvore de origem africana- baobá), 2019 com “Na Madureira Moderníssima, hei sempre de ouvir cantar uma sabiá” (em homenagem a sambista Clara Nunes) e em 2014 “Um rio de mar a mar: do Valongo à Glória de São Sebastião” (enredo histórico/ afro sobre o negro no processo de construção da cidade do Rio de Janeiro).

O cortejo da Portela foi composto por 2800 componentes distribuídos em 24 alas, 5 alegorias e 3 triples. O enredo, de características mistas, isto é, literário e afro, foi dividido em quatro setores:

1. Sagrado feminino ensinamento: o desfile foi iniciado com a comissão de frente que representava mulheres entrelaçados pelas histórias de seus cabelos e a Porta bandeira como Nanã - a orixá mais antiga. Já o carro abre-alas mostrou o encontro da mãe com o seu filho e os chamados “Portais do não retorno”- levavam os negros que jamais retornavam¹⁴, referência aos portos onde ocorriam o embarque definitivo dos negros africanos capturados como escravos e que nunca voltavam ao seu continente de origem.
2. A travessia, a calunga (do bantu- mar): os soldados de Daomé invadem a casa de Kehinnde, matam a mãe e o irmão. Ela é capturada com a irmã gêmea e a avó. O oceano é um grande lar de almas negras e Iemanjá acolhe os espíritos africanos que foram deixados no mar.
3. Sincretismo religioso na Bahia e a imposição religiosa católica: com a representação das mulheres que ajudam Kehinnde a resgatar a sua espiritualidade.
4. Kehinnde inspira outras mulheres: as pretas do ganho, revoltas e lutas pela liberdade, questão dos cemitérios e o povo do Brasil livre.

Apresentado no setor 4 do desfile da Portela, a ausência de registros funerários dos escravos é uma marca bastante dolorosa na diáspora negra no Brasil. Muitas narrativas deixaram de ser registradas ou foram simplesmente esquecidas. Tal fato reveste os eventos desses povos com uma aura de fábula colocando em dúvida a existência real de heróis negros como Zumbi dos Palmares (século XVII) ou Anastácia (século XVIII). Igualmente, é difícil checar a linhagem das famílias negras, oriundas dos raptos de africanos na época colonial. Eis uma das principais violências sofridas por esse povo -

¹⁴ Em Benim há um monumento batizado de “Porta do não retorno” e com o propósito de lembrar o triste episódio da história dos negros africanos que foram vítimas do tráfico de escravos.

perda da identidade com a separação de famílias, a troca de nomes e o embotamento cultural. Os negros trazidos para o país eram rotulados com os sobrenomes de seus senhores, de santos católicos ou nome das fazendas que os adquiriam como escravos. Nem mesmo registros funerários através das sepulturas eram realizados. Nos grandes trajetos pelos Atlântico e, em decorrência do transporte precário, muitos africanos mortos acabavam lançados ao mar. Junto com eles, histórias foram perdidas sem jamais terem sido registradas. Igualmente, no Brasil, negros que morriam¹⁵ na condição de escravos não tinham direito aos tumultos de família. Muitos eram jogados, clandestinamente, em rios, mares, empilhados em valas comuns, cemitérios específicos para escravos e desvalidos, enterrados em frente de igrejas e outros, mais sortudos, eram sepultados nas fazendas de seus senhores.

E por fim, no setor 5 - Volta para África: no último carro, acenavam as mães da vida real que, como uma extensão de Luisa Mahin, jamais encontraram os seus filhos (entre elas, a mãe da vereadora Marielle Franco, morta em 2018).

Imagem 2: desfile da Portela 2024



Fonte: <https://www.flickr.com/photos/197088715@N05/albums/72177720314746760/with/53526321954>

O desfile da Portela ganhou o estandarte de Ouro e o terceiro lugar na classificação das escolas do grupo especial do Rio de Janeiro.

¹⁵ Sepultamento de negros também eram realizados em irmandades. O Instituto de Pesquisa e Memória Pretos Novos (IPN), 1996, aponta que muitos negros foram sepultados no Cemitérios da região portuária do Rio de Janeiro. A Capela dos Aflitos, na Liberdade em São Paulo, era destina ao enterro de indigentes e negros que não pertenciam a Irmandade do Rosário. Em 1858 proibiu-se o sepultamento de corpos nas igrejas.

6. Considerações finais: o impacto do desfile da Portela 2024

O desfile da Portela impulsionou uma procura pública sem precedentes da obra de Ana Maria Gonçalves, com 37 edições, fim de estoques e reimpressão da obra pela Editora Record. Tudo isso em um país com assombrosos 11,4 milhões de analfabetos (segundo dados do IBGE de 2022) e com o varejo de livros fechando em queda, de acordo com o SNEL (Sindicato Nacional dos Editores de Livro), de 2023. A obra ainda inspiraria uma exposição com curadoria de Amanda Bonan, Ana Maria Gonçalves e Marcelo Campos, composta por Dez núcleos a partir de dez capítulos do livro.

A repercussão da apresentação da Portela nos leva a constatar como as estruturas de transmissão artística estão interligadas e qual importante é o papel dos desfiles carnavalescos nos mecanismos de preservação cultural, tendo em vista a existência de milhares de buscas na internet e conteúdos criados a partir do evento. Somam mais de 15.000.000 resultados sobre a apresentação da escola, aproximadamente 21.800.000 conteúdos sobre o livro *Um defeito de cor* e 12.300 000 resultados sobre Luisa Mahin em 18 de setembro de 2024 às 19h18.

Dessa forma, ano a ano, parte importante da história nacional vem sendo resgatada. Oxalá que o seu brado cultural ecoe por todos os dias do ano e, como afirma o samba portelense: “*Em cada um nós, derrame seu axé!*”

REFERÊNCIAS

CANDEIA; ISNARD. **Escola de samba**: a árvore que perdeu a raiz. RJ: Lidador/ SEEC, 1978.

FERREIRA, Lígia F. **Com a palavra- Luiz Gama**. São Paulo: Ed. Imprensa, 2011

FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ed. Contexto, 2016.

GANCHO, Cândida V. **Como analisar narrativas**. Rio de Janeiro: Ed. Ática 2009.

GANDO, Odile. **Deuses e heróis da mitologia grega e latina**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

GOMES, Laurentino. **Escravidão Volume 1.7ºreimp**. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2021.

GONÇALVES, Ana Maria. **Um defeito de cor**. Rio de Janeiro: RECORD, 2006.

LUCAS, Celina. **A midiatização dos desfiles das escolas de samba de São Paulo**. 2020. 393f (Doutorado em Comunicação Audiovisual) - Universidade Anhembi Morumbi, 2020.

REUTER, YVES. **Análise da narrativa**. Rio de Janeiro: Ed. Difel, 2007.

WERLE, Marco Aurélio. **Curso de estética**. São Paulo: Ed.USP, 2001

Audiência dos desfiles carnavalescos-Disponível em<<https://f5.folha.uol.com.br/televisao/2024/02/com-transmissao-criticada-globo-tem-pior-audiencia-da-historia-com-carnaval-2024.shtml#:~:text=J%C3%A1%20os%20desfiles%20do%20Rio,desfiles%20de%20Carnaval%20de%202024>>. Acesso em 27 de ago. de 2024, às 14h00

Desfile da Portela- 2024- Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=AqCj8nqpmKY&t=944s>> Acesso em 27 de ago. de 2024, às 14h30

Livro esgota no Brasil- Disponível em<<https://www.agazeta.com.br/hz/cultura/exemplares-de-um-defeito-de-cor-esgotam-apos-o-livro-ser-tema-do-desfile-da-portela-0224>> Acesso em 26 de ago. de 2024, às 11h00

Analfabetismo no Brasil- Disponível em< [https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/40098-censo-2022-taxa-de-analfabetismo-cai-de-9-6-para-7-0-em-12-anos-mas-desigualdades-persistem#:~:text=Ou%20seja%2C%20a%20taxa%20de,44%2C0%25\)%20era%20alfabetizada](https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/40098-censo-2022-taxa-de-analfabetismo-cai-de-9-6-para-7-0-em-12-anos-mas-desigualdades-persistem#:~:text=Ou%20seja%2C%20a%20taxa%20de,44%2C0%25)%20era%20alfabetizada)> Acesso em 27 de ago. de 2024, às 12h05

Mercado de livros no Brasil –

Disponível em <<https://www.publishnews.com.br/materias/2024/05/23/numeros-do-mercado-editorial-brasileiro-apontam-para-gargalos-preco-do-livro-demanda-e-modelos-de-vendas#:~:text=Em%202023%2C%20o%20setor%20editorial,de%20exemplares%20vendidos%20caiu%208%25>> Acesso em 27 de ago. de 2024, às 13h57.

35 mil crianças e adolescentes mortos -

Disponível em <<https://www.unicef.org/brazil/comunicados-de-imprensa/nos-ultimos-cinco-anos-35-mil-criancas-e-adolescentes-foram-mortos-de-forma-violenta-no-brasil>> Acesso em 02/10/2024, às 17h03.

Número de pessoas desaparecidas-

Disponível em [https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2024-08/dia-internacional-da-pessoas-desaparecida-maes-da-se-lancam-campanha#:~:text=Participam%20da%20campanha%20personalidades%20influentes,de%20Seguran%C3%A7a%20P%C3%ABlica%20\(FBSP\)>](https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2024-08/dia-internacional-da-pessoas-desaparecida-maes-da-se-lancam-campanha#:~:text=Participam%20da%20campanha%20personalidades%20influentes,de%20Seguran%C3%A7a%20P%C3%ABlica%20(FBSP)>) 02/10/2024, às 17h14